

Chamas e cinzas: Os liames da história no romance *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto

Ana Claudia Servilha Martins*

Resumo: *Mulheres de cinzas* (2015) primeiro romance da trilogia miacoutiana *As areias do imperador*, apresenta inúmeros elementos que transitam entre a história de África e os liames da ficção, tendo como tema as ocupações sofridas, durante o período colonial, pelo continente africano, mais especificamente, o sul de Moçambique, que era denominado Estado de Gaza e governado pelo último grande líder africano: Ngungunyane ou Gungunhane, como era chamado pelos portugueses. Insere-se, nessa narrativa, o cuidado dispensado às histórias de um passado que se faz vivo na lembrança de muitos moçambicanos. A obra privilegia dois personagens centrais para o desenvolver do romance: a africanidade de Imani e o eurocentrismo do militar português Germano. Desse modo, a narrativa retrata as várias possibilidades e os olhares possíveis sobre os acontecimentos em Moçambique.

Palavras-chave: Literatura; História; Mia Couto.

Flames and ashes: the liames of history in the novel *Mulheres de Cinzas*, by Mia Couto

Abstract: *Mulheres de cinzas* (2015), first novel of the miacoutian trilogy *As areias do imperador*, presents numerous elements that move from the history of Africa to the links of fiction, having as a theme the occupations suffered, during the colonial period, by the African continent, more specifically, the south of Mozambique, which was called the State of Gaza and governed by the last great african leader: Ngungunyane or Gungunhane as it was called by the portuguese people. In this narrative, the care given to the stories of a past that is alive in the memory of many mozambicans is inserted. The work privileges two central characters for the development of the novel: Imani's africanity and the Eurocentrism of the portuguese military Germano. In this way, the narrative portrays the various possibilities and possible views on events in Mozambique.

Keywords: Literature; History; Mia Couto.

* Possui graduação em Língua Portuguesa e Inglesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2013); Mestrado em Estudos Literários, com pesquisa na área de Literatura e vida social em países de língua portuguesa, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2017); Doutoranda em Estudos Literários, com pesquisa na área de Literatura e vida social em países de língua portuguesa, pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2018). Atualmente é docente na Universidade do Estado de Mato Grosso, trabalhando com as disciplinas de Literaturas de Língua Portuguesa e Produção de Textos e Leitura. e-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com.

Introdução

António Emílio Leite Couto, popularmente conhecido como Mia Couto, nasceu na cidade da Beira, Moçambique, em 05 de Julho de 1955. Mia Couto inicia sua literatura com o volume de poemas *Raiz de Orvalho* (1983) e a partir de *Vozes Anoitecidas* (1986) dedicou-se às narrativas curtas: *Cada homem é uma raça* (1990), *Cronicando* (1991), *Estórias Abesonhadas* (1994), *Contos do nascer da terra* (1997), *Mar Me Quer* (1998), *Na berma de nenhuma estrada*, *O fio das missangas* (2004) entre outros. Seus principais romances são: *Terra Sonâmbula* (1992), *A varanda do Frangipani* (1996), *Vinte e Zinco* (1999), *O último voo do flamingo* (2000), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), *O outro pé da sereia* (2006), *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), *Antes de nascer o mundo* (2009), *E se Obama fosse africano?* (2011), *A Confissão da Leoa* (2012) e o volume da trilogia *As Areias do Imperador*, denominadas de *Mulheres de cinzas* (2015), *Espada e a Azagaia* (2016) e *O Bebedor de Horizontes* (2017).

Mulheres de cinzas primeiro romance da trilogia *As Areias do Imperador* (2015), apresenta inúmeros elementos que tematizam as ocupações sofridas, durante o período colonial pelo continente africano, mais especificamente, o sul de Moçambique, este que era denominado Estado de Gaza e governado pelo último grande líder africano: Ngungunyane ou Gungunhane como era chamado pelos portugueses. No início da narrativa a epígrafe resume o que será partilhado no enredo:

A estrada é uma espada. A sua lâmina rasga o corpo da terra. Não tarda que a nossa nação seja um emaranhado de cicatrizes, um mapa feito de tantos golpes que nos orgulharemos mais das feridas que do intacto corpo que ainda conseguimos salvar. (COUTO, 2015, p. 13).

Inserir-se nessa narrativa o cuidado dispensado às histórias de um passado que se faz vivo na lembrança de muitos moçambicanos.

Chamas e cinzas: os liames da história no romance *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto

A obra privilegia dois personagens centrais para o desenvolver do romance: a africanidade de Imani e o eurocentrismo do militar português Germano. Imani é

uma garota da tribo VaChopi, que resiste aos avanços de Ngungunyane e possui entraves de memória. A dizimação da cultura realizada pelas guerras constantes faz com que a narradora-personagem não consiga se identificar. “Não sei por que me demoro tanto nestas explicações. Porque não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra, sou dos VaChopi, uma pequena tribo no litoral de Moçambique.” (COUTO, 2015, p. 20). Sobre sua identidade a personagem disserta:

Chamo-me Imani. Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna “Imani” quer dizer “quem é?”. Bate-se a uma porta e, do outro lado, alguém indaga: - Imani? Pois foi essa indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta [...] Contudo, como nos primeiros meses de vida eu chorava sem parar, a família concluiu que me haviam dado o nome errado. [...] Desistiu o pai de suas incumbências. A mãe que tratasse de mim. E foi o que ela fez, ao batizar-me de “Cinza”. Depois de as minhas irmãs falecerem, levadas pelas grandes enchentes, passei a ser chamada de “a Viva”. [...] A certa altura o meu velho reconsiderou e, finalmente, se impôs. Eu teria por nome um nome nenhum: Imani (COUTO, 2015, p.15).

A noção de memória como faculdade de armazenamento de dados, lembranças e informações permite classificá-la como “memória individual”, na medida em que entendemos que é preciso haver um ator que participou/vivenciou e/ou presenciou o fato, seja como ouvinte ou como sujeito ativo, podendo de fato lembrar, relatar e guardar devida ocorrência. “Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A memória individual como ponto de vista da memória coletiva “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1996, p. 476).

Nessa direção, a memória estabelece níveis de relações que mantemos com outros ambientes e nas personagens do romance, a memória estabelece o sentimento de pertencimento ou exilamento.

Estas não rompem suas relações do passado com o futuro, elas no presente se reinventam na estância do possível. A narração de Imani, logo ao iniciar a trama nos insere nesta perspectiva:

Todas as manhãs se erguiam sete sóis sobre a planície de Inharrime. Nesses tempos, o firmamento era bem maior e nele cabiam todos os astros, os vivos e os que morreram. Nua como havia dormido, a nossa mãe saía de casa com uma peneira na mão. Ia escolher o melhor dos sóis. Com a peneira recolhia as restantes seis estrelas e trazia-as para a aldeia. Enterrava-as junto à termiteira, por trás da nossa casa. Aquele era o nosso cemitério de criaturas celestiais. Um dia, caso precisássemos, iríamos lá desenterrar estrelas. Por motivo desse património, nós não éramos pobres. Assim dizia a nossa mãe, Chikazi Makwakwa. Ou simplesmente a mame, na nossa língua materna (COUTO, 2015, p. 14).

A tentativa de representar o indivíduo e o meio em que vive é motivo de inspiração para muitos romancistas que assim como o autor moçambicano, propicia ao leitor a possibilidade de ler o texto e muitas vezes identificar-se nele, estabelecendo assim, uma unidade entre o mundo e a literatura, entre a fantasia e a realidade, entre o eu e o outro.

Germano de Melo, um militar português que foi enviado ao vilarejo de Nkokolani, onde vive a família de Imani, para participar da batalha contra o imperador Ngungunyane, que ameaçava as Terras da Coroa, em Moçambique, é a outra voz enunciativa do romance. Sua principal missão era governar o posto militar português de Nkokolani, implantando assim, um modo de avisar a Coroa portuguesa sobre a situação da colônia, através de cartas que continham o seu relatório de viagem. O militar representaria os interesses portugueses, estabeleceria fronteiras entre Portugal e África, pois era preciso manter a região sob o domínio português:

Escreve-lhe o humilde subordinado de Vossa Excelência, sargento Germano de Melo, destacado para capitanear o posto de Nkokolani e, nessa fronteira com o inimigo Estado de Gaza, representar os interesses dos portugueses. Esta é a primeira vez que endereço um relatório a Vossa Excelência. Tratarei de o não maçar restringindo-me aos factos de que creio Vossa Excelência deve ter conhecimento (COUTO, 2015, p. 30).

No entanto, para o império português, Germano de Melo é um militar desertor da Coroa, sendo condenado pelo Conselho de Guerra ao degredo na África por ser um dos militares que participou da revolta de 31 de Janeiro de 1891, data que conforme Fernando de Sousa (1990, p. 26) marca o primeiro movimento revolucionário que teve por alvo a instauração de um regime republicano em Portugal.

Mia Couto oferece representações das novas formas e possibilidades de perceber o outro. Essa literatura adentra outros territórios, espaços e culturas, relata partindo da ficção, vozes subalternizadas pelo poder colonial e pelas estruturas rígidas do sistema capitalista e neocolonial, apresenta o desafio intelectual entre ficção e realidade, em um espaço de negociação entre o presente e o passado.

Esse viés pode ser analisado na citação do capítulo sobre a personagem Imani. O narrador relata que “a diferença entre a Guerra e a Paz é a seguinte:

Na Guerra, os pobres são os primeiros a serem mortos; na Paz, os pobres são os primeiros a morrer. Para nós, mulheres, há ainda uma outra diferença: na Guerra, passamos a ser violadas por quem não conhecemos (COUTO, 2015, p. 27).

O próprio escritor no lançamento do presente romance dissertou que “estamos ainda prisioneiros de uma visão única do passado e temos que nos libertar disso. Essa versão é válida também, mas é preciso que a gente pense que a história foi escrita por várias mãos e por vários vencidos” (COUTO, 2015, p. 09). Ou seja, para o autor Moçambique é uma história a ser escrita agora, em tempos, espaços e identidades diversas. Os focos narrados interpelam o discurso de Imani e de Germano, sendo a obra composta por narrativas que se intercalam entre o histórico e o ficcional.

Os presentes personagens narram os acontecimentos de acordo com perspectivas, pois Imani representa a africanidade e Germano o jugo português, contrastando as diferenças entre as nações africana e portuguesa. Com seu empenho literário à ficção ganha contorno e torna-se objeto de interrogação e investigação acerca da relevante construção de novos significados ao processo histórico e identitário da nação moçambicana contemporânea. “Já não se trata, pois, um mero processo de evocação ao passado, mas a sua explicação para que funcione como factor interior ao presente” (MATA, 2001, p. 69).

Mulheres de cinzas encena relações entre o africano e o outro, demonstrando que a cultura africana é híbrida, tendo a mestiçagem como traço principal. O teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall discorre sobre a identidade cultural e o processo de diáspora em que o indivíduo marcado pela colonização, vive o sentimento de perda no compor da identidade nacional:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco

e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão mundano, secular e superficial quanto a uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades, os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2003, p. 28).

Na tessitura discutida por Stuart Hall a identidade cultural se constrói em um vasto caminho de atravessamentos “mundanos”. Esses atravessamentos constroem uma nova possibilidade histórica, social e identitária do sujeito. A narrativa insere as diferenças culturais, os hibridismos e os conflitos que problematizam a relação entre os africanos e os portugueses. Esse viés pode ser exemplificado no fragmento da obra em que ocorre o encontro do nativo moçambicano e do recém-chegado estrangeiro português:

A moça disse tudo isso sem pausa para respirar. Onde aprendeste tudo isso? perguntei, a medo. Não tive que aprender, respondeu. Sou feita de tudo isso. O que me tiveram que ensinar foram as histórias dos brancos.

- Mas tu não és católica?

- Sou. Mas tenho muitos outros deuses. (COUTO, 2015, p. 287)

As personagens de Mia Couto encaixam-se nesse direcionamento teórico de Hall, as mesmas misturam-se e se confrontam com o novo, com o presente, com as várias formas de ser e estar no mundo. O desconforto do português Germano por estar em África torna-se claro no romance. Em uma passagem da narrativa o português expõe seu preconceito em relação ao contexto de africanidade: “Enfim, fantasias próprias desta gente ignorante.” (COUTO, 2015, p. 78).

Imani sofre inúmeras humilhações tanto na conjuntura familiar com o olhar de julgamento de seu pai, em relação ao seu convívio com o português, quanto no eixo social africano. Devido às suas escolhas Imani não era bem vista na aldeia em que morava. No trecho “você é uma má companhia para esta aldeia, seu destino é ficar solitária, solteira e sem filhos” (COUTO, 2015, p. 204), percebemos o sentimento de deslocamento.

Mas a personagem, mesmo tendo ciência das desigualdades de que é vítima, sabe que o melhor modo de resistir ao sistema de oposição é submetendo-se a ele: “Era o que devia ter dito, mas guardei-me, submissa” (COUTO, 2015, p. 159).

O sargento Germano no decorrer do romance problematiza a altivez de Portugal, país imerso em um panorama de ganâncias, de desigualdades, de violências e declínios. O personagem narra que África não é uma terra de selvagens ou descivilizada, afinal, os portugueses encenam uma pátria sem futuro, sem esperança:

Não adoeci em África [...] Eu adoeci de Portugal. A minha doença não é senão o declínio e a podridão da minha terra. [...] É essa a minha e a sua doença: a nossa pátria sem futuro, vazada pela ganância de um punhado, dobrada sobre os caprichos da Inglaterra (COUTO, 2015, p. 315).

Nessa pragmática, é latente a sobreposição da cultura dominante sobre a cultura subalternizada. Encena a hibridização cultural e a forma como o imperialismo é questionado por Germano, assim como o fracasso da nação portuguesa, para justificar a colonização, uma vez que o romance deixa claro o interesse de lucros e monopolizações dos portugueses em África. Para a crítica literária Irene Severina Rezende:

A literatura de Mia Couto expõe os fatos da guerra cruel que se estendeu por décadas, sobre seu país, e até mesmo após a conquista da independência, indicando que a máquina colonial deixou um legado de destruição, apesar do sentimento de resistência tão presente na história dos povos que compõem o país de Moçambique. E ainda que estes fatos estejam reformulados nos textos literários do escritor, é neles que o autor se mantém, é neles que vence o tempo e encara a sina de um povo que se defrontou durante anos com a desgraça de ver os seus definharem perante o inimigo (REZENDE, 2010, p. 18).

A narrativa nos traz a inquietude de personagens que vivem sobre espaços preenchidos de traumas e silêncios. Nas palavras de Imani “o que os dividia era uma disputa pelo poder” (COUTO, 2015, p.139).

As relações de poder representadas por Imani e Germano expõem memórias sobre a colonização. A disputa pela terra entre os VaNguni e os portugueses acaba afetando os VaChopi que “ousaram” se indispor contra aqueles e passaram a habitar as “Terras da Coroa”. Por isso, segundo constatado, a família da narradora-personagem já era assimilada.

Durante toda a trajetória do romance é perceptível à ambivalência do discurso, formada por contradições, ambiguidades, deslocamentos, inversão da ordem hierárquica para demonstrar a diversidade. Imani representa a sua cultura e

a cultura do colonizador, e o sargento Germano de Melo, que registra em suas cartas a assimilação à cultura moçambicana, a história narrada contempla, ainda, um narratário substituto, a quem o sargento destinará sua última carta, já escrita por Imani, uma vez que o personagem perde suas mãos ao final do romance.

Após a invasão à fortaleza dos portugueses pela comunidade, a família de Imani se vê obrigada a deixar as “Terras da Coroa”, levando consigo a italiana e o sargento que perderá as mãos. Essa conjuntura remete-nos ao contexto de saída do colonizador do cenário moçambicano. Ao se afastar de Nkokolani, Imani finaliza a narrativa, afirmando:

Agora entendo: aprendi a escrever para melhor relatar o que vivi. E nesse relato vou contando a história dos que não têm escrita. Faço como o meu pai: na poeira e na cinza escrevo os nomes dos que morreram. Para que voltem a nascer das pegadas que deixamos (COUTO, 2015, p. 404).

Mia Couto escreve com sensibilidade sobre um território ainda demarcado pelo olhar filantrópico europeu e pelo jugo colonial. Estabelece outra forma de narrar a história, mesmo com todas as implicações que essa responsabilidade lhe implica.

Considerações finais

Mia Couto (re)cria um imaginário que transita entre o sonho e a realidade, entre as cinzas e as poeiras da memória. E essa transição dá origem ao dialogismo entre as narrativas do discurso histórico e as do discurso ficcional, tornando esse diálogo entre a história e a literatura uma das marcas da literatura contemporânea, “produzindo sobre a narrativa um efeito histórico-documental” (TUTIKIAN, 2006, p. 36).

O romance *Mulheres de Cinzas* problematiza a figura do colonizador que dialoga com a do colonizado em um processo narrativo que desvela mitos, crenças e conjunturas socioculturais da nação moçambicana.

Devida narrativa faz parecer que há uma linha divisória entre realidade e ficção, porém, a última prevalece na tessitura romanesca. As páginas literárias miacoutianas retratam estórias de sujeitos fragmentados pelo jugo colonial e pós-

colonial, reescreve Moçambique em processos de mudanças e tensões dos valores da tradição.

Sua ficção insere-se numa fase em que os escritores moçambicanos assumem a nacionalidade literária para deixar para trás as marcas do colonialismo.

Conforme o próprio autor expõe em nota introdutória da obra:

Esta narrativa é uma recreação ficcional inspirada em factos e personagens reais. Serviu de fonte de informação uma extensa documentação produzida em Moçambique e em Portugal e, mais importante ainda, diversas entrevistas efetuadas em Maputo e Inhambane (COUTO, 2015, p. 9).

À prosa característica desse escritor, incorpora a preocupação com a fidelidade histórica. O tempo presente na produção de Mia Couto é um emaranhado de costuras do ontem.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

REZENDE, Irene Severina. **O Fantástico no contexto sócio-cultural do século XX**: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique). Alto Araguaia/ MT: Edição da autora, 2010.

SOUSA, Fernando de. **O Jornal de Notícias e a Revolta de 31 de Janeiro de 1891**. *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, série II, v. 07, p. 439-453, 1990. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=ido4id18id299&sum=sim>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SOUSA, Fernando de. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua Portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.